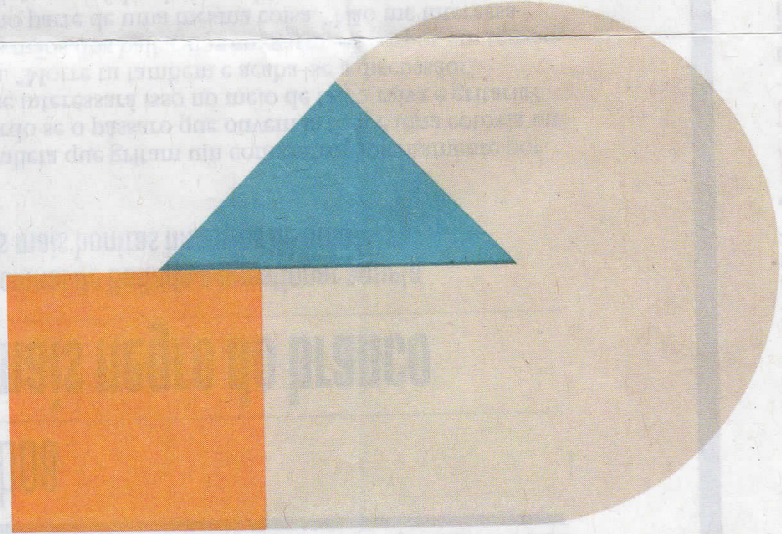


VER

De Tempos a Tempos IV Lisboa

É Kandinsky? Não, é Jorge Pinheiro

Pinturas e desenhos, vários inéditos, num jogo entre presente e passado



Entre estes trabalhos agora encontrados, mostram-se duas obras datadas já de 2016, e uma outra de 2014/16. Estas pinturas inéditas, sem título, são dominadas pelas figuras geométricas que fundam tanto do seu trabalho pictórico abstrato: o triângulo e o círculo dominam a tela, mergulhados em tons profundos.

Pintor excellentíssimo, Jorge Pinheiro é um ziguezague capaz de provocar vertigens a historiadores que gostem de gavetas arrumadas. Ainda jovem artista (e co-fundador d' Os Quatro Vintes, com Armando Alves, Ângelo de Sousa e José Rodrigues, todos finalistas com 20 valores das Belas-Artes do Porto), dedicou-se à pintura figurativa. Depois, influenciado pela Europa dos anos 1960, cheia de correntes e contracorrentes pictóricas, criou quadros-objetos e telas com formas tiradas a régua e esquadro. Em 1973, nova guinada: regressa a um figurativismo dominado por mãos em prece e revisões de ícones (cria, então, a famosa série Os Reis). Vinte anos depois, a exploração abstrata recapa-lhe o atelier. A vintena de obras agora mostradas, produção recente, ainda que hajam obras datadas de 1969, distribui-se por cerca de 14 telas e oito desenhos – todos oficiais do abstracionismo geométrico. Os desenhos revelam-se mínimos, risco negro de tinta da china sobre o papel, a representarem ora desdobramentos ora curto-circuitos, tenso. As pinturas exibem o seu característico virtuosismo cromático, cores que estabelecem diálogos de toda a ordem, rompendo a linha dominante, criando profundidades insondáveis, criando paisagem infinita. O abc geométrico e declinado: círculos, linhas paralelas, triângulos que geram outros triângulos – parecem origamis. E o que mais lá está? Memórias pop, composições que lembram sinaléticas, barcos a voar, sexta-feira de paixão, Penlope à espera de Ulisses. **M Silvia Souto Cunha**

Galeria São Mamede > R. da Escola Politécnica, 167, Lisboa > T. 21 397 3255 > 29 abr-25 mai, seg-sex 11h-20h, sáb 11h-19h

Podem cenários, figurinos e adereços saltar da caixa de palco do teatro para uma mostra permanente? Podem. E devem. A exposição *Noites Brancas*, que inaugura este sábado, 30, nos corredores do claustro do Mosteiro de São Bento da Vitória, no Porto, mostra-nos "uma travessia por territórios cénicos" que pertenceram ao teatro (neste caso, o Teatro Nacional S. João), aos seus artistas e ao público. Figurinos, adereços, projeções de vídeo, fotografias de cena e cartazes de peças encenadas por Nuno Carlinhas e Ricardo Pais, o atual e o ex-diretor artístico do S. João, levam-nos numa viagem por *D. João* (2006), *Tambores na Noite* (2009), *UBUs* (2005), *O Saque* (2006), *O Mercador de Veneza* (2008), *Alma e Casas Pardas* (2012). As cenografias, de João Mendes Ribeiro, Pedro Tudela e do próprio Nuno Carlinhas (que homenageia a atriz Fernanda Alves), mostram lugares que "não existem". "Fomos nós que os inventámos", dizem. O único senão é o facto de a mostra só poder ser vista, pelo menos por enquanto, durante as visitas guiadas (de segunda a sexta, às 12h) a este monumento nacional.

Mosteiro de São Bento da Vitória > R. S. Bento da Vitória, Porto > T. 22 340 1900 > a partir 30 abr, seg-sex 12h > €3

